

O Trabalho dos Catadores da Associação Engenho do Lixo: Entre a Necessidade Econômica e o Discurso da Consciência Ambiental

THE SCAVENGERS' WORK ENGENHO ASSOCIATION OF GARBAGE: BETWEEN ECONOMIC NECESSITY AND THE DISCOURSE OF ENVIRONMENTAL AWARENESS

Augusto de Oliveira Tavares¹

Trabalho de Conclusão do curso de Especialização em Gestão Social do Desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, realizado junto a um grupo de catadores de Juazeiro do Norte-CE, orientado pelo professor Dr. Eduardo Vivian Cunha, depositado na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável - PRODER/UFC-Cariri.

Palavras-chave: Catadores; Consciência Ambiental; Reciclagem; Autonomia.

Key Words: *Collectors, Environmental Awareness, Recycling, Autonomy.*

SUMÁRIO EXECUTIVO

Neste trabalho refletimos sobre a relação entre a necessidade econômica dos catadores e o discurso da consciência ambiental estabelecendo um contraponto com a dinâmica das relações sociais de um grupo de catadores em Juazeiro do Norte-CE, vinculados à Associação Engenho do Lixo. A escolha deve-se à projeção que a mesma tem ganhado na região nos últimos anos, sobretudo pelo papel de seu idealizador e atual presidente, um ex-catador que hoje administra a Associação, ministra palestras, recebe estudantes, organiza a troca de material reciclável por mudas de árvores e promove a limpeza das margens do rio Salgadoⁱ.

Utilizamos uma metodologia de caráter etnográficoⁱⁱ a fim de interpretar os significados que os catadores atribuem a si mesmo e ao trabalho que realizam; ao pertencimento à Associação; à forma como lidam com seus próprios resíduos e à questão ambiental. Realizamos entrevistas com oito catadores e com o presidente da Associação além de uma observação participante durante o período em que acompanhamos o trabalho de pré-incubação realizado pela ITEPSⁱⁱⁱ a fim de transformar a Associação em Coopertativa.

Partimos do pressuposto de que, para o catador, a coleta de material reciclável está mais relacionada à necessidade de sobrevivência do que a um processo de conscientização ambiental. No entanto, a participação em um grupo organizado como Associação, sujeito a cursos de formação, parcerias com setor público e privado e projeção da mídia, os leva a absorver, em algum

¹ Mestre em Sociologia (UFC); especialista em Gestão Social (UFC-Cariri); graduado em Ciências Sociais (UECE), professor substituto na UFC-Cariri; professor da Faculdade Leão Sampaio (FALS) e membro do seu Comitê de Ética em Pesquisa. E-mail: aotavares@hotmail.com.

nível, o discurso da consciência ambiental. Vale ressaltar que não resta dúvida de que a retirada do meio ambiente de papéis, plásticos, vidros, metais, etc. dando a estes um destino útil e ainda gerando renda traz um ganho ecológico, econômico e social. No entanto, considerar que esta ação, por si só, seja fruto ou gere uma “consciência ambiental” pode ser um exagero, simplificação ou parcialidade.

Nosso propósito não foi o de estabelecer uma relação de causa e efeito a fim de saber se as práticas cotidianas dos catadores repercutiam ou não em um comportamento classificado como “ambientalmente correto”. Evidenciamos que a maneira como os catadores reproduzem o discurso da consciência ambiental, deriva do contexto e das circunstâncias nas quais estão inseridos. Inspirados em Paulo Freire (1996), compreendemos que a conscientização não é um ato mecânico de compreensão racional da realidade e sim um processo dialético construído a partir de uma práxis libertadora direcionada para conquista da autonomia, ou seja, uma ação reflexiva e transformadora da sociedade e de si mesmo. Nesse sentido, não há propósito em falar isoladamente de uma “consciência ambiental”, ao passo que eu não se pode afirmar que alguém é consciente ambientalmente e inconsciente político. Consciência é sempre a consciência de si mesmo, do outro e do mundo.

Nosso trabalho direcionou-se para o entendimento da vida dos catadores a partir deles mesmos. Nesta pesquisa, não foram vistos como meros coadjuvantes na cadeia maior que envolve a reciclagem, e sim como sujeitos centrais do processo do qual, paradoxalmente, são os que menos usufruem das riquezas e benefícios que a reciclagem pode gerar. Mesmo quando “inseridos” em associações e cooperativas ou assistidos por programas do Governo, o trabalho do catador continua desvalorizado^{iv}.

Ficou claro que o trabalho de coleta de material reciclado realizado nas ruas de Juazeiro do Norte não é resultado de uma escolha autônoma e sim uma contingência social, mas nem por isso os catadores estão “excluídos”. As condições econômicas, sociais, culturais e subjetivas na qual estão inseridos, resultam de um modelo de desenvolvimento econômico e não da falha do mesmo. Ou seja, a informalidade, a precarização, os baixos rendimentos, são fatores que contribuem para a lucratividade dos atravessadores, donos dos depósitos, usinas de beneficiamento e fábricas que trabalham com reciclagem. No mesmo sentido, as Leis, políticas públicas, ações governamentais ou não-governamentais e campanhas midiáticas, ao legitimarem a reciclagem, sem, no entanto atentar para as condições de dignidade e autonomia dos catadores não os coloca em uma situação de exclusão, mas sim de uma “inclusão perversa”^v.

Observamos ainda que a estrutura da Associação Engenho do Lixo reproduz as relações de poder heterônomas presentes na sociedade. A gestão é conduzida de forma personalista e assistencialista pelo seu fundador e atual presidente, dificultando a formação novas lideranças e a participação efetiva dos associados. De forma geral, podemos constatar que não há um empoderamento dos catadores como expressão de uma ação coletiva, a Associação não funciona como tal e a adesão às ações de “educação ambiental” resulta mais da influência da liderança, do que da autonomia dos sujeitos. O presidente da Associação é um dos únicos a articular o discurso “ambiental” como uma forma de legitimar o seu trabalho. Porém, as ações que desenvolvem têm mais um efeito simbólico do que impacto efetivo na construção de uma cidade sustentável.

Para transformar essa realidade, é preciso muito mais do que se emocionar com as histórias de vida, organizar cooperativas com intervenções que vêm de fora para dentro e buscar estratégias alternativas de ganhar dinheiro com a reciclagem. São necessárias mudanças de pensamento, de cultura, de consciências para que se possa construir um processo capaz de gerar valores arraigados em princípios éticos que favoreçam ações concretas, refletidas a partir das práticas cotidianas e tendo como foco a valorização do humano. Portanto, a questão é bem mais ampla do que gerar emprego e renda a partir da reciclagem, é necessário romper com os ciclos que reproduzem a estigmatização do catador o que, em última instância, nos remete à crítica ao modelo de desenvolvimento econômico vigente e ao próprio sistema de valores hegemônicos na sociedade.

Referências

CATAR MATERIAL RECICLÁVEL NÃO É MAIS MOTIVO DE VERGONHA. **Jornal do Cariri**, 20 a 26 de março de 2012. p. 8

BOURDIEU, Pierre. Introdução à uma sociologia reflexiva. In: _____. **O Poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. p.17-58

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21

LAYARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R.(Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220. Disponível em: <http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea_pdf0005.pdf>.

Acesso em: 10 jul. 2011

SAWAIA, Bader. Exclusão ou inclusão perversa? In: _____(Org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Vozes: 2001, p.7-13

STERCHILE, S.P.W.; BATISTA, A. O espaço da cooperativa “amigos do meio-ambiente”: cooperativa de trabalho ou cooperfraude? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 106. p. 314-334.

ⁱ São frequentes as matérias publicadas na imprensa que destacam as ações da Associação Engenho do Lixo. Embora não seja a única Associação de Catadores da região é a que consegue mobilizar o maior volume de material reciclável, “cerca de 40 a 50 toneladas por mês”. (Cf. CATAR MATERIAL RECICLÁVEL NÃO É MAIS MOTIVO DE VERGONHA. **Jornal do Cariri**, 20 a 26 de março de 2012. p. 8).

ⁱⁱ A abordagem etnográfica compreende que a atividade humana é eminentemente simbólica e relacional, sendo o cotidiano repleto de significados que, para serem interpretados, se faz necessário abandonar o distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado a fim de compreender “universo simbólico” que se constrói como “nós de relações” entre os sujeitos em um determinado contexto. Nesse sentido, respaldamos nosso estudo no pensamento de Geertz (1989. p. 3-21) e Bourdieu (1989. p. 17-58).

ⁱⁱⁱ Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares Solidários (ITEPS/UFC-Cariri).

^{iv} A esse respeito pode ser consultado o instigante artigo: STERCHILE, S.P.W.; BATISTA, A. O espaço da cooperativa “amigos do meio-ambiente”: cooperativa de trabalho ou cooperfraude? **Serviço Social e Sociedade**., São Paulo, n. 106. P. 314-334.

^v Sobre o conceito de “inclusão perversa” conferir Sawaia, Bader. (2001, p. 7-13).